

APRESENTAÇÃO DA

**OBRA POÉTICA ESCOLHIDA. VOLUME I. ELEGIA HERÓICA
E OUTROS POEMAS**

DE

AMORIM DE CARVALHO

por
Júlio Amorim de Carvalho
(administrador da Casa Amorim de Carvalho)

no auditório da FNAC (à rua Santa Catarina, no Porto), a 24 de maio de 2013, às 18h.
e
no auditório da 83.^A FEIRA DO LIVRO DE LISBOA (no Parque Eduardo VII), a 3 de junho
de 2013, às 17h30m.

—

Ao começar esta minha exposição, eu devo felicitar as pessoas aqui presentes por elas constituírem, na verdade, uma assembleia privilegiada – privilegiada porque o que ela vai ouvir se desmarca das banalidades, dos lugares-comuns, das incongruências que cada um de nós lê ou ouve habitualmente.

*

Ora bem.

Graças à excelente colaboração entre a Casa Amorim de Carvalho e o editor portuense ECOPIY (que tem realizado um trabalho editorial de grande qualidade), – a Casa Amorim de Carvalho lança, este ano, mais uma obra inédita de Amorim de Carvalho.

Trata-se do 1.º volume da *Obra Poética Escolhida* – intitulado *Elegia Heróica e outros poemas*.

Se este 1.º volume da *Obra Poética Escolhida*, organizada pelo próprio Poeta, – se este 1.º volume (cujo título é, como se disse, *Elegia Heróica e outros poemas*) esteve inédito até agora, – não são inéditas as poesias nem os extensos poemas nele incluídos, porque essas poesias e esses poemas já foram publicados (ora em livro, ora em periódicos) entre 1948 e 1972.

¿Mas que significa mais esta edição duma obra poética de A. de C.?

¿Que significa a edição, agora, da *Elegia Heróica e outros poemas*?

Significa a vontade de pôr, mais uma vez, à disposição do público, a obra de um dos maiores poetas europeus – uma obra representativa da grande poesia de pensamento.

Pela originalidade da sua obra, pela beleza conceptual e formal com que o Poeta a realizou – a obra poética de A. de C. atinge o mais alto nível entre a mais significativa poesia ocidental.

Desde já, referirei um importante dado biográfico de A. de C., relacionando-o com a sua criação poética. É o seguinte: apesar do Poeta se expatriar (expatriação, aliás, tardia, pois o Poeta tinha já, nessa altura, 61 anos – mas expatriação levada a cabo ainda no tempo de Portugal) apesar dele se expatriar, – esse facto não alterou em nada as características mais profundas, mais significativas da sua expressão poética (que já vinham de longe), mantendo a sua poesia uma continuidade de estilo e de pensamento sem falha, mas sempre inovadora na maneira de tratar a temática e as teses. E se eu insisto neste aspecto da vida de A. de C., é porque os 11 anos durante os quais o Poeta residiu em França, até à morte, – esses 11 anos de

vida no estrangeiro foram um período de intensa criação, como se pode facilmente constatar pela datação da sua produção poética, indicada em notas, nos 6 volumes da sua *Obra Poética Escolhida*.

*

Atentai agora nisto:

A poesia de expressão portuguesa que – nos seus momentos superiores – se apresenta como uma das melhores afirmações líricas da latinidade e mesmo do mundo ocidental, – essa poesia de expressão portuguesa (dizia eu) alcança a sua maior altura naquela linha da poesia de pensamento cujos expoentes máximos estão (com o chamado Renascimento) em Camões, e, mais tarde (com a Escola de Coimbra), em Antero e Junqueiro, continuada, essa Escola e essa grande poesia de pensamento, em Pascoais e Amorim.

Do pensamento épico-nacionalista de Luís de Camões, pelo pensamento filosófico-panteizante e social de Antero de Quental e Guerra Junqueiro, e pelo saudosismo transcendente e místico de Teixeira de Pascoais, – atinge-se, com A. de C., numa síntese superadora, a intensidade máxima da interrogação e inquietação metafísicas postas (e indissolúvelmente postas) com a problemática da existência humana e do amor relacionada com a Realidade total, – e isso em técnica conceptual e formal, em formas versificatórias conscientemente inovantes (e, digamo-lo também, perfeitamente teorizadas).

Claro que esta criação poética – a dos 5 grandes nomes atrás citados (Camões, Antero, Junqueiro, Pascoais e Amorim) que formam como que a estrada real do processo evolutivo da poesia portuguesa, – claro que essa criação poética, com suas características formais e de alto pensamento (como já atrás se disse), – essa criação poética está realizada numa beleza conceptual e formal de grande originalidade – em cada um desses poetas.

¿Mas como é que esta poesia de expressão portuguesa, isto é, a criação de alto pensamento poético em língua portuguesa nas obras dos grandes poetas citados há pouco, – ¿como é que essa poesia tem permanecido ignorada, ou, pelo menos, pouco valorizada, e pôde manter-se incompreendida ou mal compreendida em sua significação estética no processo histórico-literário? – ¿Como é que essa poesia superior pôde ficar desvalorizada, ou não foi valorizada como merecia, ou ficou incompreendida e mesmo desconhecida no estrangeiro e no próprio território português?

É que a propaganda do modernismo tudo contaminou: conquistou as páginas literárias dos jornais, ocupou as revistas, instalou-se nas universidades, apoderou-se das casas editoriais, das fundações culturais – como um *raz-de-marée* que tudo arrasa, destrói, nivela por baixo –, anulando o senso crítico, pervertendo o gosto, influenciando os departamentos culturais das administrações-públicas, inquinando as sebtas das faculdades de letras, – submetendo, enfim, os espíritos. E tudo isso apoiado em ideias e nomes embandeirados na feira das propagandas fáceis, com o conceito do «moderno pelo moderno», dum «original pelo original» em que, alfim, todos os fazedores de versos se copiavam e copiam, com a valorização dos inconscientes e dum intuicionismo de vaga origem bergsónica.

Assim se foi sedimentando e consolidando uma massificação do gosto literário; e assim se foram impingindo ao incauto, ao desprevenido estrangeiro e ao pobre luso ignorante ou sedento de modernices fáceis, – assim se foram impingindo as ideias e os nomes fabricados no «subjectivismo estreito» (no dizer do lusófilo francês Georges Le Gentil), – no «subjectivismo estreito» e falacioso do modernismo onde as poesias... «acontecem» (acontecem!) aos poetas! E o histrionismo de Fernando Pessoa serviu e serve de eixo de referência ao colossal sistema propagandístico montado pelo modernismo.

Neste ambiente mental, a belíssima obra poética, de elevado pensamento, que é a de Amorim (representada ou exemplificada neste 1.º volume da *Obra Poética Escolhida* intitulado *Elegia Heróica e outros poemas* que acaba de ser editado), a obra poética amoriniana tinha de ser, pois, silenciada pelas capelas modernistas, pelo desonesto sistema do

elogio-mútuo (instaurado sem vergonha pelo modernismo ao serviço da mediocridade modernista).

¿Mas por que razão a obra poética de A. de C. tinha de ser particularmente, premeditadamente silenciada? Já o vamos ver.

*

Quando, em 1927, A. de C. publicou o seu 1.º volume de poesias – uma colectânea de sonetos à maneira parnasiana, de motivos exóticos, intitulado *Bárbaros* –, nesse mesmo ano (1927) saíu também o 1.º número da revista *Presença*. Tinha o Poeta 23 anos.

Como se vê, A. de C. pertenceu à geração modernista da *Presença* que recebeu o que havia de pior no *Orpheo*. E o pior da *Presença* seria transmitido aos modernistas que lhe sucederam.

Ora, pertencendo A. de C. à geração da *Presença*, – foi ele, no entanto, em Portugal, o único sério opositor às pseudo-teses do modernismo. E foi o único opositor às pseudo-teses do modernismo e à poesia modernista – tanto pela sua belíssima e original **criação poética**, na linha – como já eu disse – que prolonga a *nomia* estética da Escola de Coimbra [*nomia*: do grego *nomos*, lei, princípio organizado, significado], *nomia* porque com sentido estético; mas opositor também pela sua **teoria estética** e pelas suas **teses** (com fundamentação filosófica), radicalmente opostas à *anomia* do modernismo – *anomia* porque sem significado, sem sentido estético válido.

Talvez em nenhum país, o chamado modernismo tenha tido uma oposição tão fundamentada filosófica e cientificamente, tão sistematizada e séria, como foi a oposição do grande Poeta e esteta português que é A. de C.

Senão, vejamos:

1.º) Os críticos e poetas modernistas não apresentaram uma teoria da crítica nem uma séria teoria estética, pois faltaram-lhe os sérios fundamentos filosóficos e científicos: → foi A. de C. quem apresentou uma teoria da crítica, e dos modernismos e da estética em geral.

2.º) Os modernistas defenderam o chamado (ilògicamente) *versilivrismo* ou *verso livre*, → mas foi Amorim quem construiu a teoria do ritmo verbal, posicionando-se como o mais notável teórico europeu da métrica, dando à versificação o estatuto de ciência.

3.º) Os modernistas louvaram o simbolismo, donde teria vindo o seu modernismo, → mas foi o Poeta quem fez a interpretação válida do que é o simbolismo, e foi ele quem elaborou a teoria da simbolização.

4.º) Os modernistas – que, para se legitimarem, pretendiam, obsessionalmente, encontrar precursores, e, nessa busca, foram (como A. de C. lembrou algures) até Camões (ah! se o ridículo matasse!...), – os modernistas insurgiram-se contra o que apelidavam de *retórico* na poesia, e atacaram absurdamente Junqueiro (um dos maiores poetas do mundo, no escrever de Unamuno, em *Por Tierras de Portugal y España*), → mas foi Amorim o grande mestre-intérprete da poesia junqueiriana e foi ele quem teorizou, quem explicou o valor, a significação do *retórico* na poesia.

5.º) O modernismo não criou senão uma poesia de «subjectivismo estreito», sem dimensão épica, ou com pretensões épicas, mas fracassadas, → e foi Amorim quem fez a grande poesia de pensamento, em longos poemas de características épicas.

6.º) O modernismo não introduziu, no domínio do ritmo verbal, qualquer renovação válida, concreta, justificada, nas obras literárias por ele produzidas – obras sem ritmo, ou rítmicamente pobres ou sem qualquer substancial novidade métrica. → Ora foi A. de C. quem introduziu novos ritmos na poesia de expressão portuguesa, com consciência técnica, como se verifica, concretamente, na sua vasta obra.

E 7.º), e em síntese: ao absurdo conceito modernista da *actualidade pela modernidade*, → A. de C. opôs e explicou o conceito superior de **actualidade permanente**.

*

Descrevendo, pois, o Poeta, a sua situação perante o medíocre ambiente mental da época que fôra a sua (e implicitamente evocando o significado da sua obra poética no processo histórico da poesia de expressão portuguesa), – A. de C. assim escreve, resumidamente, num breve depoimento que serve, precisamente, de introdução ao livro que estou a apresentar: a *Elegia Heróica e outros poemas*; assim diz o Poeta: «Tendo eu feito uma vigorosa crítica às teses do chamado movimento modernista do meu tempo, no meu país, – a voz discordante (que era a dessa [minha] crítica e a da minha poesia), – [essa voz discordante] tinha de ser ocultada ou silenciada o mais possível». (Fim de citação).

Aí temos a explicação do desonesto silenciamento da poesia de A. de C. – poesia que é, no entanto, o que de melhor se tem escrito, nesse domínio, na língua portuguesa: – desonesto silenciamento do Poeta pelas capelas e oficinas de propaganda modernistas. Porque até a própria exposição da história do modernismo em Portugal, só poderia ser considerada séria, *se não ocultasse ou não silenciasse a reacção ou a oposição* de A. de C. e o seu significado – o significado que essa oposição, que essa reacção tiveram e têm, – e que, certamente, ninguém, *em nenhum país, levou tão longe e tão profundamente como A. de C. as levou em Portugal* – na sua dupla qualidade de poeta e de esteta.

É, portanto, inútil, – na decadência moral e mental ambiente, de ontem e de hoje, na desonestidade generalizada e na mediocridade reinantes, – é inútil procurar referências sérias a A. de C. (salvo raras excepções) nas antologias contemporâneas, nas histórias e nos dicionários literários.

Mas algumas excepções houve e há, é certo. No entanto, a tendência geral – geral e esmagadora – era e é essa : a do silenciamento sistemático da obra poética de A. de C.

E a presente edição da *Elegia Heróica e outros poemas* de A. de C. está aí, publicada, para testemunhar, perante o público isento, o alto valor da poesia amoriniana, essa *épica metafísica canção* de superior pensamento poético – à altura dos maiores poetas.

*

Um estrangeiro (que, mais tarde, iria redondamente declarar a um romancista português que o visitava: «Considero A. de C. o crítico português do futuro»), – esse estrangeiro (o já referido Prof. Georges Le Gentil), pelos anos finais da década de quarenta do século passado, escrevia a A. de C., mostrando inteligência e aguda percepção do significado da obra poética amoriniana no processo da literatura portuguesa, – Georges Le Gentil escrevia o seguinte (eu traduzo do francês): «Fiquei vivamente impressionado pela originalidade da forma que, sendo clássica pela sua pureza e pela sua limpidez, liberta-se das regras demasiadamente estreitas, adapta o ritmo ao movimento do pensamento e não retém, para concluir um desenvolvimento, senão imagens brilhantes [*éclatantes*, diz ele] e inteiramente novas». [Etc.]. E, mais adiante, escrevia ainda Georges Le Gentil: «As suas [suas, de A. de C.] as suas poesias parecem-me marcar uma reacção necessária contra o subjectivismo estreito da escola modernista. Nós voltamos, graças a si, à inspiração largamente humana que garante o sucesso permanente da Escola de Coimbra».

Mais recentemente, no actual território português, há que citar, sobretudo, a referência a A. de C. feita na *Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa* (edição de 1995), – na qual o Prof. Paulo Alexandre Esteves Borges, da Universidade de Lisboa, nota, com rara inteligência, que A. de C., na «sua obra literária» (estou a transcrever o texto do Prof. Esteves Borges), – nota que A. de C. «reflete, num crescente apuro estético, a constante preocupação ideativa do pensador. Nela avulta a poesia, que evolui do clima dionisíaco de *Bárbaros* [*Bárbaros* é o tal 1.º livro de poesia de A. de C., publicado em 1927, como se disse], – evolui do clima dionisíaco de *Bárbaros* [...] para obras [...] de rasgada inquirição e angústia metafísica, como *Il Poverello*, *O Juízo Final*, *A Erotiada*, *Elegia Heróica* e *A Comédia da Morte*. [...] Este último [o poema *A Comédia da Morte*] é um original misto de autobiografia e épica, em que a partir da sua morte imaginada o poeta se confronta

polêmicamente com os destinos do mundo e da pátria». O Prof. Esteves Borges refere-se ainda ao «complexo pensamento formulado» nos poemas *A Comédia da Morte* e *Elegia Heróica* nos quais – diz ele – o Poeta «sonda o sentido da existência e da redenção cósmica, numa dramaticidade em que o vivido abre para a mais genuína vertigem metafísica». Num comentário final da referência a A. de C., na *Enciclopédia das Literaturas de Língua Portuguesa*, – o Prof. Esteves Borges aceita que o Poeta assumiu (continuo a citar) «no panorama literário português uma «oposição de continuidade renovadora», «mas francamente oposta a um modernismo histrionico» » (referindo--se, o Prof. Esteves Borges, aqui, por duas vezes, a expressões de A. de C., creio eu). É efectivamente raro encontrar no território, tão firme isenção para analisar a obra poética de A. de C. como a que encontramos na análise do docente da Universidade de Lisboa – Prof. Esteves Borges.

*

Ora, perante as deficiências interpretativas, e perante o silenciamento da poesia de Amorim – silenciamento premeditado e organizado pela pseudo-intelectualidade portuguesa *já da época do Poeta*, – perante isso, A. de C. vira-se obrigado a explicar o significado da sua própria poesia na perspectiva da evolução literária portuguesa. E nessa explicação (que eu retomei num e noutro ponto desta minha apressada prelecção), – e nessa *explicação* insistiu A. de C., sobretudo, no seu magnífico *Depoimento para a História crítica do modernismo em Portugal* (publicado, já depois da morte do Poeta, na revista *Nova Renascença*), e nessa *explicação* insistiu também o Poeta nos dois breves depoimentos que abrem o livro agora editado e aqui apresentado: a *Elegia Heróica e outros poemas*.

Numas *Achegas para uma biografia* de A. de C., redigidas após a morte do Poeta, eu escrevi, numa síntese, o seguinte:

«Em nenhum [dos 4 citados poetas de expressão portuguesa: eu referia-me a Camões, Antero, Junqueiro e Pascoaes), – em nenhum deles a poesia atingiu tão alta densidade filosófica aliada à beleza formal como em A. de C. E, também em nenhum outro poeta de expressão portuguesa, a problemática do amor teve a intensidade, a dimensão filosófica e a originalidade que [...] lhe imprimiu» A. de C.

*

É sempre delicado proceder a uma escolha de textos da obra de um poeta, ou proceder a uma escolha de excertos, reduzidos, de um extenso poema, – é sempre delicado assim proceder, para lê-los ao público, – porque podemos deixar, nos ouvintes, uma falsa ideia do autor: – desvalorizando-o ou valorizando-o, injustamente.

Esse exercício é particularmente perigoso quando se trata de extensos poemas de um grande poeta, porque a ideia que deixaremos no espírito do ouvinte será, neste caso, sempre inferior ao real valor do poema e do poeta.

Ora, é esse precisamente o caso de A. de C. – poeta de extensos poemas, onde temas, e teses, e teorias, e simbolizações dramatizadas são desenvolvidos, longamente trabalhados, – e só na visão de conjunto se poderá avaliar a altura excepcional da criação poética amoriniana.

Apesar das reservas expostas, não será descabido, nesta apresentação do 1.º volume da *Obra Poética Escolhida* de A. de C. intitulado *Elegia Heróica e outros poemas*, – não será descabido ler umas brevíssimas passagens de três poemas longos incluídos no referido volume agora posto à disposição do público, aqui na FNAC [*variante*: aqui, na Feira do Livro de Lisboa, no local dos Pequenos Editores], e na editora portuense ECOPIY.

No poema *Elegia Heróica* (publicado pela primeira vez em 1948), – no poema *Elegia Heróica* composto por 208 quadras, o Poeta interroga a sua Origem, o Mundo e a Morte, e a resposta é dada em belíssimas simbolizações dramatizadas: como a da prisão, como a da bailarina – imagens da inacessibilidade (para o conhecimento humano) ao sentido profundo do Real, à sua essência, – sentido e essência do Real que o homem só pode aperceber

vagamente ou muito imperfeitamente naquele qualquer-coisa-de-indefinido que é como um pó levantado, longe, pela bailarina:

Invisível, a bailarina dança...
Cada ser é um vencido sem esp'rança
e que espera debaixo duma espada...

¿Que esperamos, num mágico momento
levantados no pó que vai no vento
desse alado bailado que nos leva?...
E a bailarina canta e ri na treva...

O poema prossegue. E o Poeta evoca o como-que-quase-sem-sentido da existência; e o dançar longínquo da bailarina é como que a garantia última da Realidade insondável:

Sòmente a bailarina louca está
a bailar sem a vermos, entre limos
e entre sombras de coisas que não há
e onde nós já também não existimos.

E baila e canta e se contorce e espasma...
Eu afaguei os teus frios cabelos
já póstumos e trágicos e belos
em que havia um brunido de ectoplasma...

Corre um muro-de-noite ao derredor
do nosso grande anseio insatisfeito...
Escondeste a cabeça no meu peito,
e choravas... ¿De pânico ou de amor?

A *Elegia Heróica* é da mais alta poesia – é um exemplo particularmente marcante do superior génio poético de A. de C.

Não posso, nem resumidamente abordar, aqui, a técnica métrica de A. de C., pois seria extremamente longo e árido. Mas posso afirmar a imensa inovação rítmica que o Poeta trouxe, em geral, à poesia de expressão portuguesa – aliás, inovação única em qualquer literatura. Neste poema – a *Elegia Heróica* – chamo a atenção para a introdução (em concordância com os decassílabos sáficos e heróicos, acentuados respectivamente na 4.^a e 8.^a e na 6.^a sílabas), – chamo a atenção para a introdução dos ritmos compostos, de base hexassilábica, 3 (1)+6 e 4+6 (isto é: o tri-hexassílabo de cesura átona e o subtil e difícil tetra-hexassílabo de cesura tónica). Tudo isso, claro está, com a maior consciência técnica. Mas a pseudo-intelectualidade portuguesa tem sido duma incompetência, duma ignorância crassas neste domínio do conhecimento estético.

*

No poema *O Mito de Eva* (em 8 cânticos de surpreendente beleza), na poesia *Eu disse-lhe «Amo-te»* e noutros poemas também incluídos neste volume, – a complexidade métrica é incomparavelmente maior que a do poema anterior. A. de C. trouxe à poesia portuguesa uma riqueza métrica incontestável. Nunca é demais insistir neste aspecto da criação poética amoriniana: no ritmo está uma das evidentes originalidades do Poeta, como já dissemos.

Ora os críticos e outros autores modernistas, e os autores de obras contaminadas pelo modernismo, e, em geral, os escritores de gosto pervertido pelo modernismo, – não se aperceberam da importantíssima inovação que foi a introdução, por A. de C., de novas formas rítmicas na poesia. ¿Não se aperceberam dessa inovação ou não quiseram nela atentar por

temerem valorizá-la? – ¿Ou preferiram, premeditadamente, silenciá-la? ¿Incompetência? ¿Ignorância? ¿Má fé?

De qualquer maneira que seja, essa inovação, na Poesia, do grande Poeta de expressão portuguesa, foi sistematicamente escamoteada. Não há, aliás, no território português, quaisquer estudos sérios e válidos sobre a técnica do ritmo verbal, – a não ser (evidentemente) os de A. de C., – e os meus, mas publicados (os principais) em revista universitária estrangeira. E foi ainda outro estrangeiro (o Prof. José Domínguez Caparrós, da Universidade de Madrid) quem atentou na importância enorme da teorização da métrica feita – feita e aplicada – por A. de C., ao escrever, já no século actual, na sua obra *Nuevos Estudios de Métrica*, – ao escrever (eu traduzo do castelhano): que «o sistema construído por A. de C. chama poderosamente a atenção pela sua originalidade... [A obra de A. de C.], além do seu lugar na teoria do verso português, tem um valor incalculável como teoria geral [do ritmo verbal]». (Fim de citação).

*

Passemos à poesia intitulada *Biografia* (que o Poeta publicou no *Jornal de Letras e Artes*, de Lisboa, em 1963). Essa poesia é composta por 50 dísticos heterométricos, rimados, de ritmo recitativo.

A poesia inicia com o que podia ser uma síntese final:

Tudo quanto dos outros dependeu – não consegui.
E quanto fiz por mim – fez-se por si.

Nota curiosa. Nesta poesia – *Biografia* – Amorim se desmarca implicitamente de certo histrionismo de Fernando Pessoa, desse histrionismo de pensamento fácil, dessa propensão ao raciocínio automatizado e inconsistente (magistralmente analisados, aliás, pelo notabilíssimo esteta e filósofo que também foi A. de C.). Porque quando Pessoa escreve:

Tudo vale a pênna
se a alma não é pequena,

Pessoa não convence. Podemos dar a volta a essa afirmação, e dizer, também,

Nada vale a pênna
se a alma não é pequena,

ou

Nada vale a pênna
e a alma é grande,

– transmitindo, assim, a ideia oposta e, moralmente, absolutamente válida: – a da inutilidade de tudo, a ideia de que tudo é vão.

O que seduz na expressão de Pessoa

Tudo vale a pênna
se a alma não é pequena

não vem, pois, do seu pensamento, filosoficamente contestável, até mesmo pouco válido; nem vem do ritmo que não existe. Vem da forma exterior e fácil da rima.

Se eu lhe der, experimentalmente, esta volta:

Tudo vale a pênna
se a alma é grande,

tiro, à forma pessoana, o encanto da rima, é certo; e se não altero a contestável ideia de Pessoa, – pelo menos dou-lhe um ritmo escoreito, muito cantante, que é o pensalilábico de acentuação ímpar – em vez da arritmia da forma original da autoria de Pessoa.

Ora Amorim diz, na sua *Biografia*, num belo dístico, também rimado, mas em ritmo recitativo e com seriedade de pensamento, – Amorim diz:

Tem tudo o que fazemos,
o tamanho da alma que nós temos.

Biografia termina com o seguinte dístico que é uma conclusão — não é uma síntese biográfica que foi dada, como se viu, no dístico inicial da poesia, – é uma conclusão vigorosa e orgulhosa e dramática:

Podes vir, Morte. Já vivi tudo. Esta é a minha biografia
desde o primeiro ao meu último dia.

*

O livro que apresento, fecha com o poema *O Juízo Final* (publicado pela 1.^a vez em 1948).

É impressionante, de beleza dramática e formal, o diálogo entre Maria de Magdala e Caim: Enquanto os mortos esperam, ansiosamente interrogando-se e ansiosamente interrogando a noite infinita, – enquanto os mortos esperam pelo soar das trombetas, para o Juízo Final e para voltarem à existência, – Maria de Magdala que tirou do sepulcro o corpo de Jesus e, perseguida pelo espectro de Caim, leva o Messias nos braços, fugindo na noite:

– Para que os homens impiedosos e ateus
acreditassem que Jesus ressuscitou,
que ao mundo o enviara Deus
e pra junto de Deus enfim tornou,

– Maria de Magdala enfrenta o espectro de Caim e retorque-lhe:

«¿ Que importa que tu digas que não há Deus,
se o homem vive, sofre, sonha e ama
como se ele existisse?
¿ Que importa que tu digas que não há Deus,
se as gerações passando [...] transmitirão umas às outras essa Ideia,
essa Mística eterna do pensamento?
¿ Tu em troca de Deus o que nos dás?
¿ Quem te acredita?
Ninguém te quer ouvir, sombra maldita!
Para sempre, mais alto do que tu, há-de falar
o meu amor profundo;
e farei
triunfar
a Ideia metafísica deste homem que eu amei,
e que levo comigo sem tréguas nem cansaços,
pela noite do mundo
– frio mas junto do meu peito! morto mas nos meus braços!
Eu dei-lhe o meu amor.
Ele me deu a sua Ideia!»

Caim bradou com uma voz tão cheia
de rancorosa ira,
que em derredor

tudo estremece:

– «Mas essa ideia é uma mentira!»

[Etc., etc.]

É uma interpretação sem dúvida herética dos textos bíblicos, – mas o tema foi transposto, com originalidade e beleza, para a poesia, pelo grande Poeta português.

Composto por, mais ou menos 750 versos, este poema – *O Juízo Final* – é um dos mais portentosos documentos poéticos de inquietação metafísica da língua portuguesa.

*

Ao terminar estas leituras poéticas, devo lembrar que me referi apenas a uma pequena parte das composições poéticas incluídas no livro *Elegia Heróica e outros poemas* que eu estou a apresentar.

*

Vou a chegar ao fim desta apresentação.

Resta-me dar uma SÍNTESE dos temas dominantes deste 1.º volume da *Obra Poética Escolhida* organizado por A. de C. [e agora publicado como resultado (repito) da colaboração das Edições ECOPI e da Casa A. de C.], – síntese escrita pelo próprio Poeta seguida de alguns comentários, também do Poeta, sobre a sua poesia em geral. Mas note-se que essa síntese (sobre a temática do volume que agora se apresenta) está algo incompleta porque A. de C. não chegou a actualizá-la aquando duma reorganização (que ele fez em dada altura) dos 6 volumes da sua *Obra Poética Escolhida*. Falta a essa síntese, efectivamente, uma maior insistência na forte dimensão filosófica que impregna muitos dos poemas incluídos nesta *Elegia Heróica e outros poemas*. Essa Síntese e esses comentários encontram-se num dos 2 depoimentos que abrem a obra aqui apresentada.

Escreveu A. de C.:

«A temática do presente volume [...] é predominantemente a do amor, num donjuanismo-quixotismo que é o ideal do amor monogâmico ansiosamente e passionalmente procurado através do drama dos muitos amores (o que não é um puro decalque das teses conhecidas do donjuanismo); amor de muitos amores exaltado num protesto épico e trágico contra a morte – com Deus ou sem Deus –, até ao refúgio na *eternidade* do instante do seu sonho e seu desejo; desejo no sentido ontológico de querer ser, em sonho e sensualidade da carne e da alma [...]. Julgo, até prova em contrário, que essa temática tem na minha poesia uma constante e uma dramaticidade de conjunto que são novas».

E continua o Poeta:

«Quanto à forma ou estrutura dos versos, é a minha poesia, incontestavelmente, um caso único na literatura portuguesa e nas outras literaturas de que conheço as respectivas versificações. [...] Quanto à técnica conceptual, alguma coisa julgo ter trazido à expressão poética pela linguagem simbólica das comparações, imagens, metáforas, etc., desde a criação de novos símbolos até ao emprego tematizante dos símbolos [...]. Pelas renovações e inovações na temática e na técnica, a minha poesia é moderna, mas dessa modernidade para o alargamento da – **actualidade de sempre**».

E só me resta dizer que termino agora a minha prelecção «com a serenidade [como escreveu A. de C.], – com a serenidade quase impassível de indicar factos» que, na verdade, não «me dizem respeito, porque todos nós passamos e os factos ficam».